

ANTI-URBANISMO *QUEER* EM *FUN HOME: UMA TRAGICOMÉDIA EM FAMÍLIA*,  
DE ALISON BECHDEL

*Adelaide Calhman de Miranda*<sup>1</sup>

**RESUMO:** O romance gráfico *Fun Home: uma tragicomédia em família*, de Alison Bechdel, recebeu inúmeros prêmios e ampla consagração pela mídia. A narrativa alinha-se a uma nova vertente da teoria crítica contemporânea, o anti-urbanismo queer. Este artigo analisa a representação dos espaços e da diversidade sexual no romance, principalmente do ponto de vista de uma crítica à “metronormatividade”, na linha desenvolvida por Scott Herring em seu livro *Queer Anti-Urbanism*. A “metronormatividade”, conceito de Judith Halberstam, corresponde aos ideais de comportamento, relações pessoais e padrões estéticos de acordo com os quais homossexuais cosmopolitas devem viver. Quem não se conforma com essas regras pode ser vítima de novas exclusões sediadas no espaço urbano, o que desconstrói o mito da tolerância encontrada nas cidades. O romance de Bechdel esboça uma crítica à metronormatividade que sustenta o preconceito, o que ilustra a arbitrariedade da constituição identitária dos sujeitos cosmopolitas. Assim, o componente queer da narrativa demonstra a importância do contexto social para a vivência da diversidade sexual, desnaturalizando a construção da identidade queer.

**Palavras-chave:** Teoria queer, romance gráfico, Alison Bechdel.

O primeiro romance gráfico da quadrinista Alison Bechdel, de 2006, é uma narrativa autobiográfica, na qual ela conta a história do aparente suicídio de seu pai quatro meses após ela revelar à família a sua homossexualidade. O romance mistura trechos dos diários da protagonista, cartas da família, livros grifados do pai e, principalmente, recordações da infância, adolescência e juventude junto ao pai. As lembranças de afetos, influências e identificações tecem um paralelo entre a homossexualidade aberta de Alison e a enrustida de Bruce.

Enquanto Alison sai da pequena cidade agrícola no interior da Pennsylvania para viver a liberdade permitida pela cidade grande de Nova York, Bruce permanece no mesmo local e no casamento heterossexual. A protagonista atribui o suposto suicídio do pai à sua permanência na cidade pequena, que ela considera conservadora, preconceituosa e hostil. Em contraponto, a metrópole de Nova York é representada, a princípio, como centro liberal e inclusivo, o único destino possível para jovens homossexuais, como Alison.

---

<sup>1</sup> Adelaide Calhman de Miranda é doutoranda em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. E-mail: [adelaidcalhman@gmail.com](mailto:adelaidcalhman@gmail.com).

Este trabalho tem como objetivo analisar a representação do espaço urbano em sua relação com a diversidade sexual no romance de Bechdel, com destaque à crítica da “metronormatividade”. A pesquisa desenvolve e discute alguns dos argumentos desenvolvidos por Scott Herring em seu livro *Another Country: Queer Anti-Urbanism*. A concepção da metrópole como local de libertação e tolerância das minorias sexuais é desconstruída para permitir a visualização da ideologia “metronormativa”, que impõe suas regras de exclusão. *Fun home* expõe a sua própria metronormatividade e compõe uma estética ruralizada, que subverte e relativiza a idealização da cidade.

### **1 – Anti-urbanismo e a metronormatividade**

O “urbano” não é um conceito claro e portanto deve ser questionado, pois a pesquisa em dicionários e bibliografias especializadas revelou que o critério numérico não é o suficiente para definir o urbano. (Herring, 2010, Kindle Location 300). O número de habitantes mostrou-se arbitrário e dinâmico demais, e a densidade populacional não foi considerada uma noção consistente. Assim, percebe-se um movimento de aproximação de significados que, de acordo com Herring, no lugar de descrever o urbano, acaba por prescrevê-lo. De fato, o *urbano* é construído conceitualmente sempre em oposição ao seu “oposto maligno”, nas palavras de Herring, o *rural*. O autor defende que, no contexto dos Estados Unidos, outros parâmetros no lugar dos numéricos governam a divisão binária empírica entre o que qualifica como urbano e o que é considerado rural.

Entretanto, vale lembrar que o surgimento das cidades modernas de fato possibilitou novos estilos de vida, o que favoreceu o estabelecimento de comunidades gays e lésbicas e de outras minorias políticas. No século XIX, o célebre texto de George Simmel, “A metrópole e a vida mental”, já caracterizava os espaços urbanos pela maior liberdade em relação ao campo. Nesse sentido, a diminuição de controle social é especialmente interessante para a população lgbttt.<sup>2</sup>

Por esse motivo, autores como Michael Harrison, Jon Binnie, David Bell e outros desenvolveram o conceito de espaço *queer*. Segundo Harrison, por exemplo, “a cidade

---

<sup>2</sup> A sigla lgbttt corresponde ao conjunto de pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros.

permite que os homossexuais sejam anônimos, mas visíveis. Essa combinação torna a identificação de um ao outro mais fácil, para encontros românticos, enquanto também permitindo a anonimidade e a liberdade para entender a própria identidade.” (Harrison, 2009, p. 3).<sup>3</sup> Ou seja, não se pode ignorar as vantagens que a metrópole apresenta para os sujeitos que rompem com as normas sociais, como a heteronormatividade. Já o conceito de espaço *queer* de Judith Halberstam diz respeito não somente às práticas de construir lugares para sujeitos lgbttt, mas também à teorização *queer* desses espaços, em face de sua ausência em boa parte da geografia pós-moderna. (Halberstam, 2005, p. 6).

A limitação dessa liberdade ocorre quando os estilos de vida sedimentam regras de convivência nos espaços urbanos. As novas exclusões que resultam dessas normas geram críticas de uma corrente teórica contemporânea designada como anti-urbanista. (Herring, 2010, Kindle Locations 368-369). Porém o significado social de anti-urbanismo foi modificado ao longo do tempo e da história da cidade. Surgiu inicialmente como um movimento conservador e moralista contra a cidade e sua liberdade vulgar e corrupta. Contemporaneamente, há uma reação contra a tendência de *gentrification* encontrada em muitas metrópoles, responsável pela elitização dos centros e a subsequente expulsão das populações de baixa renda para as periferias distantes.

Sobre o processo de *gentrification* dos habitantes homossexuais, Lisa Duggan critica a “homonormatividade”, centrada no homem gay branco de classe média. A teórica responsabiliza essa tendência pela associação da população homossexual ao consumo global, à assimilação política e às ideias neoliberais do capitalismo do mercado livre. (Duggan, 2003, pp. 50-65 *apud* Herring, 2010, Kindle Locations 3723-3724). Nesse mesmo sentido crítico, Leo Marx defende um modo inclusivo das diferenças, já que a cidade é apenas umas das transformações da sociedade moderna e não o paradigma de tudo que é moderno. (Marx, 1984, p. 165 *apud* Herring, 2010, Kindle Locations 3725-3727). Portanto, convém diferenciar anti-urbanismo reacionário e anti-urbanismo crítico.

Por sua vez, Herring chama atenção para o potencial de ruptura da estética rural com o urbanismo normatizante. O rural na cultura visual e impressa, na performance e na

---

<sup>3</sup> No original: “... the city allows gays to be anonymous, but also to be visible. This combination makes identification of one another easier, for romantic encounters, for example, while also providing the anonymity and freedom to begin to understand one’s own identity.” Tradução minha.

moda, constitui local privilegiado de crítica *queer* a formas de urbanização compulsórias. (Herring, 2010, *Kindle Locations* 414-145). O autor cita algumas dessas obras artísticas e literárias que tematizam os espaços rurais enquanto descentralizam a diversidade sexual. Entre elas, Herring menciona o romance *Fun Home*, de Alison Bechdel. Nessas obras, o não-metropolitano é retratado como espaço de vitalidade sexual, contrariando os estereótipos que o caracterizam como hostil, pobre cultural e economicamente, fundamentalista religioso, racista e conservador. A adoção de uma estilística própria subverte a estética urbana, desconstruindo a cidade como local ímpar para a comunidade lgbttt e a rota migratória para a metrópole como única escapatória do isolamento e exclusão dos espaços rurais.

Se os estereótipos podem ser utilizados para fins inesperados, Herring questiona: e se a terminologia pejorativa virasse contra si mesma e desafiasse os sistemas representacionais que subscrevem a urbanização da vida moderna para a população homossexual. Vale lembrar que a teoria e a política *queer* surgiram justamente dessa apropriação inesperada da palavra, originalmente empregada para se referir a gays, lésbicas, travestis e transgêneros de modo negativo e, portanto, ressignificada. (Louro, 2004, p. 7). Descolada de seu significado hierarquizado, *queer* rompe com as classificações sexuais, desconstruindo a hegemonia do heterossexismo. A teoria *queer* mostra as identidades como desessencializadas, relacionais, fluidas e em constante transformação, na tentativa de abranger a multiplicidade da experiência humana. (Ibid., p. 8).

Herring propõe assim um anti-urbanismo criticamente *queer*, a uma clara alusão ao texto de Judith Butler, “Critically *queer*.” Nele, Butler se defende das críticas à teoria *queer*, alertando para o risco de sedimentar o sujeito *queer* de modo a recair em hierarquizações. Outra preocupação de Butler diz respeito à atenção às dificuldades concretas de comunidades, que em alguns momentos precisam de alianças identitárias para negociar seus direitos. Assim, *queer* precisa ser uma palavra sempre aberta a novas práticas e sujeitos, mas fundada em experiências reais. (Butler, 1998, p. 169)

O anti-urbanismo *queer* proposto por Herring deve então negociar as formas urbanas que caracterizam o imaginário lgbttt, no qual a cidade é representada como símbolo de tolerância e comunidade. Esse imaginário descreve o rural como o local da ausência de

sujeitos que fogem aos padrões hegemônicos da sexualidade humana e o lugar das perseguições às diferenças. Em especial, a corrente teórica sugere a análise de obras em que o urbano e o rural não são espaços geográficos simplesmente, mas espaços sociais que abrigam as relações humanas, para além da contagem populacional.

Outra característica da teoria *queer* adotada por esta corrente teórica é a ruptura com os binarismos que hierarquizam as subjetividades. Um par binário sempre pressupõe uma relação hierárquica, na qual um elemento é o dominante e valorizado enquanto o outro é dominado e diminuído. Para fugir à opressão resultante dessas hierarquizações, deve-se romper com os binarismos masculino/feminino, heterossexual/homossexual, urbano/rural, entre outros. (Jagose, 1996, p. 77).

De acordo com Herring, o par binário urbano/rural consiste em posições geográficas performativas, cartografias de fantasias sociais, mais psíquicas, estilísticas e relacionais que identificáveis geograficamente dentro ou fora de qualquer metrópole americana. Assim, o anti-urbanismo *queer* tem como objetivo desfazer essa hierarquia, mostrar que os jogos de linguagem do urbanismo homossexual podem estar em qualquer local, e o anti-urbanismo pode desestabilizar urbanidades seja em áreas urbanas ou rurais.

A importância dessa desestabilização encontra-se na violência associada à “metronormatividade”. A origem da opressão surge, contraditoriamente, a partir da libertação que representou a cidade para aqueles que não se identificavam com os padrões hegemônicos da sexualidade humana. Halberstam explica que a imigração para a metrópole significou historicamente o encontro de um local de tolerância após o sofrimento com a perseguição e o segredo em áreas rurais. Assim, a cidade seria o único local suportável, para onde homossexuais devem migrar e assimilar. (Halberstam, 2005, pp. 36-37).

A metronormatividade é definida por seis eixos, com a ressalva de que essas características variam conforme o lugar e o tempo. (Herring, 2010, Kindle Location 496). O vértice narrativo conta a história da imigração para a cidade. Os eixos racial e sócio-econômico estabelecem exclusões, privilegiando o sujeito branco de classe média. O temporal caracteriza a cidade como progressista, à frente de seu tempo. Os vértices epistemológico e estético pretendem usar argumentos intelectuais para justificar a superioridade da cultura urbana. Juntos, os seis eixos da metronormatividade ajudam a

sustentar e normatizar a geografia idealizadora do urbanismo gay e lésbico pós-Stonewall. Esse urbanismo colabora com a mercantilização, corporização e despolitização das culturas homossexuais em muitos lugares.

Para fugir da perseguição das áreas rurais, as pessoas que não se identificam com padrões hegemônicos da sexualidade devem se submeter a novas violências que resultam da metronormatividade. Como diz Pierre Bourdieu em *Distinção*, “a intolerância estética exerce violências terríveis”. (Bourdieu, 2011, p. 57). A imposição de um gosto por uma determinada classe social visa estabelecer o monopólio da legitimidade artística, que ocorre quando sua estilística é representada como natural, legítima, suprahistórica e superior. (Ibid., pp. 56-58). O corpo é uma das formas de materialização hegemônica do gosto da classe, que se manifesta de diversas formas. A violência simbólica, designada por Pierre Bourdieu como a introjeção do preconceito, atua diretamente sobre os corpos. (Bourdieu, 1999, pp. 45-55).

Importante salientar que no caso da população lgbttt, essa estilística foi considerada uma estratégia subversiva para lidar com danos psicológicos e fisiológicos provocados pela heteronormatividade. No entanto, funciona também internamente para intimidar, normatizar e enquadrar o sujeito *queer* em formações de *habitus*. O conceito de Bourdieu pode ser compreendido como o conjunto de posições produtivas no espaço social que estabelece uma ligação entre determinados sujeitos. Refere-se tanto ao princípio gerador de práticas quanto à classificação das práticas em si. (Bourdieu, 2011, p. 162).

No entanto, o espaço de estilos de vida é um inquieto campo de lutas que se caracteriza pelas lutas entre agentes pela representação de sua posição no mundo social e do mundo social. (Bourdieu, 2011, p. 233). Isso significa que a estilística normativa há muito inspira subversões. Uma das principais é a estilística rural que pode ser usada para desarmar a função normatizante do *habitus* metronormativo, conforme Herring.

A crítica à “metronormatividade” presente no romance de Bechdel contribui para a desestabilização da fantasia da metrópole como epicentro das comunidades lgbttt. De modo análogo, a desnaturalização da identidade *queer* desconstrói o binarismo que hierarquiza as relações, que essencializa as identidades, e que sustenta a heterossexualidade compulsória, nos termos de Judith Butler.

## 2 – *Fun Home* e o anti-urbanismo

Embora *Fun Home* seja o primeiro romance de Bechdel, em sua tira quinzenal *Dykes to watch out for*, a autora já tecia críticas à urbanidade lésbica com a qual convivia na cidade de Nova York. No entanto, nas tiras prevalecem o humor e a ironia sutil, enquanto o tom do romance é mais dramático, devido ao seu caráter autobiográfico. Em *Fun Home*, Bechdel narra os eventos relacionados à morte de seu pai, atropelado por um caminhão. Uma série de elementos e pistas levanta a suspeita de que o acidente tenha sido de fato um suicídio. Paralelamente, Bechdel desconfia que a opressão à homossexualidade enrustida do pai seja responsável pela morte prematura aos 46 anos. Ela acredita que a vida de Bruce poderia ter sido diferente se ele tivesse saído da pequena cidade no interior.

Inicialmente, o romance incorpora a maioria dos argumentos da metronormatividade. Um desses conceitos diz respeito à mitologia da rodovia interestadual 80, a I-80, que liga Nova York a San Francisco, e que seria suspostamente uma rota de fuga para homossexuais oprimidos em todo o interior dos Estados Unidos. Os mapas da região de Beech Creek ilustram as montanhas de Allegheny e a construção da I-80, que é localizada próxima à cidade. A sua descrição da rodovia confirma a mitologia: “Haviam acabado de dinamitar um caminho para a interestadual 80. No caminho da Rua Christopher para o Castro, ela passava a apenas 6 quilômetros de casa – ainda que do outro lado da montanha Bald Eagle” (FH, p. 132-133).<sup>4</sup>

Essa infraestrutura *queer*, na opinião de Herring, participa da formação da superestrutura estilística da metronormatividade, devido à mitologia da imigração para a cidade grande como meio de sobrevivência de sujeitos homossexuais. (Herring, 2010, Kindle Locations 3148-3150). A iconografia metronormativa faz parte de uma mitologia maior sobre conexões viárias e aquáticas entre pessoas lgbttt.

Um dos pontos importantes é a Stonewall Inn, no número 53 da Christopher Street, que sediou o movimento de Stonewall. As paradas gays eram inicialmente chamadas de “Christopher Street Liberation Day March”, e idealizavam não somente a revolução mas

---

<sup>4</sup> As citações do romance *Fun Home* serão indicadas pela sigla FH e o número da página correspondente. No original: “Interstate 80 had just been blasted through the ridge beyond ours. On its way from Christopher Street through the Castro, it passed only four miles from our house – albeit on the other side of bald eagle mountain.” Tradução minha.

também a avenida. A antropóloga Anna Lowenhaupt Tsing observa que há uma ironia nas imagens de rodovias, já que elas facilitam o movimento mas limitam o caminho. (Tsing, 2005, 6, *apud* Herring, 2010, Kindle Locations 3305).

Outros mapas chamam atenção repetidamente para a pouca extensão de terra que define a vida de Bruce, delimitada pelo círculo de um compasso. (FH, p. 36-37 e 146-147). Além disso, a protagonista questiona a permanência da mãe e do pai na região rural. Em outra ilustração, a narradora desdenha da linguagem interiorana de Bruce. Alison, por sua vez, sofreu um processo de correção de sotaque na universidade, e entende que isso a liga a um *habitus* linguístico *queer*. (FH, p. 150-151).

Há uma percepção, portanto, da aculturação pelo qual passou, ao contrário do pai. Por um lado, Bruce demonstra se ligar a valores metronormativos como alta cultura, literatura e a decoração sofisticada e revitalização da mansão histórica em que vive. Por outro, seu *habitus* linguístico é típico da área rural. Assim, ao reler seus diários e lembrar de fatos de sua história familiar, Alison começa a compreender que Bruce não se encaixava no protótipo do gay metronormativo que ela imaginava. Há uma diferença entre o que ela entende por identidade homossexual e a pessoa que ela começa a ver por meio da releitura da vida do pai.

O tom contraditório permanece no romance até quase o final; os argumentos da metronormatividade são desafiados juntamente com a visão de sua incoerência com a história de Bruce. Alison acaba por esboçar uma crítica a alguns aspectos do urbanismo gay, inclusive da mitologia da I-80. Um dos mapas ilustra sua preocupação com a perda das características da região de Beech Creek: “E, ao avançar rumo a Nova York pela rota 80, a velocidade e o calçamento não apagavam apenas os nomes das coisas, mas os contornos íntimos e particulares da própria paisagem.” (FH, p. 150).<sup>5</sup>

A confusão que Alison faz entre a vivência da sua homossexualidade com a de seu pai também tem uma origem psicanalítica, na forma de uma incorporação melancólica, um conceito Freudiano onde o sujeito interioriza o objeto perdido na antítese do processo de luto. Herring baseia-se também no artigo de Butler sobre gênero e melancolia, *The Psychic*

---

<sup>5</sup> No original: “And hurling toward New York City on Route 80, speed and pavement erased not only the names of things, but the particular, intimate, contours of the landscape itself.” Tradução minha.



*Life of Power: Theories in Subjection*, onde a autora relaciona a melancolia com a identidade homossexual. (Herring, 2010, Kindle Locations 3457-3464).

Portanto, em *Fun Home*, a percepção de Alison de que a história, a identidade e a vivência sexual da Bruce diferem das suas corresponde à perda do objeto interiorizado característico da melancolia. Quando ela reconhece os limites da sua compreensão e abre mão da sua versão da história, Alison inicia seu verdadeiro processo de luto. No final do romance, a narradora se dá conta da complexidade da perda e começa a perceber que Bruce não se encaixa em qualquer padrão de fuga para a metrópole ou de uma identidade gay metronormativa. Mas o próprio Bruce ajuda a desconstruir essa mitologia, na carta que escreve a Alison pouco antes de morrer: “Sabia que eu nunca tinha estado em Nova York até os vinte anos. Mesmo assim, não foi uma novidade tão grande. Não havia muitas coisas na cidade que eu não tinha visto em Beech Creek.” (FH, p. 218).<sup>6</sup>

Alison reconhece que tenta ligar a perda pessoal a uma outra narrativa, mais coerente, e desvincula assim a história do pai da mitologia da fuga libertadora do rural para o urbano. A narrativa em questão também se refere à homofobia e à perseguição de gays nas áreas rurais:

Ou talvez eu esteja tentando interpretar minha absurda perda pessoal relacionando-a, ainda que de forma póstuma, a uma narrativa mais coerente. Uma narrativa de injustiça, de humilhação sexual e de medo, de vidas consideradas supérfluas. O que não deixa de ser um expediente emocional – invocá-lo como vítima fatal da homofobia. (FH, p. 202).<sup>7</sup>

Até que Alison finalmente reconhece que não há como atribuir uma identidade gay, nos moldes em que ela imagina, ao seu pai. A característica *queer* do livro é justamente essa desestabilização dessa identidade homossexual e a percepção de que há muitas formas de vivenciar a sexualidade, como ela mesmo admite:

Verdade erótica é um conceito amplo. Eu não deveria fingir saber o que meu pai era. Talvez minha ânsia em clamar que ele era ‘gay’ como eu, em oposição à categoria bissexual ou alguma outra, é apenas uma maneira de

---

<sup>6</sup> No original: “You know I was never even in New York until I was about 20. But even seeing it then was not quite a revelation. There was not much in the Village that I hadn’t known in Beech Creek.” Tradução minha.

<sup>7</sup> No original: “Or maybe I’m trying to render my senseless personal loss meaningful by linking it, however posthumously, to a more coherent narrative. A narrative of injustice, of sexual shame and fear, of life considered expendable. There’s a certain emotional expedience to claiming him as a tragic victim of homophobia. But that’s a problematic line of thought.” Tradução minha.

ficar com ele para mim – um tipo de complexo de Édipo invertido. (FH, p. 236).<sup>8</sup>

Alison admite assim a incorporação do pai na narrativa melancólica da urbanidade gay. Desse modo, ela reconhece outra forma de luto. Para Herring, ela sofre com a perda não somente de seu pai, mas da exclusão das áreas rurais no imaginário *queer* urbano (Herring, 2010, Kindle Location 3551). Além disso, segundo Herring, Bechdel oferece aos(as) leitores(as) uma oportunidade de testemunharem uma pessoa homossexual lutar contra os efeitos da assimilação à metronormatividade pós-Stonewall. *Fun Home* seria uma tentativa de ocupar esse espaço deixado vazio, e de oferecer uma rota alternativa à I-80 para a vivência da sexualidade não-hegemônica.

A aceitação por parte de Alison de modo diferente de Bruce vivenciar a sua homossexualidade condiz com a crítica à metronormatividade, na medida em que o romance legitima outras formas de afetividade. O reconhecimento da ruralidade de Bruce descentraliza a diversidade sexual e denuncia a imposição das regras metronormativas. A desconstrução de padrões normatizantes para a vivência sexual revela-se fundamental para se evitar novas exclusões e discriminações.

Não obstante, a presença do cosmopolitismo lésbico na personagem de Alison continua sendo uma referência marcante na narrativa. O teor de denúncia no texto aponta para o preconceito contra o homossexual do campo por parte da ideologia metronormativa, mas reproduz a hegemonia *queer* urbana na caracterização da protagonista. Enquanto seu pai era representado como uma figura infeliz que tinha que se esconder para vivenciar sua homossexualidade e que acaba morto aos 46 anos, a protagonista é uma jovem interessante, sedutora e cosmopolita ao extremo.

O romance de Bechdel apresenta uma desestabilização da identidade gay para contemplar outras subjetividades; por outro lado, nota-se a permanência dos valores metronormativos. Apesar disso, a visibilidade conferida às subjetividades que rompem com a heterossexualidade compulsória e a discussão da multiplicidade de formas de vivenciar a diversidade sexual configuram o mérito da narrativa. A crítica ao preconceito e as

---

<sup>8</sup> No original: “Erotic truth is a rather sweeping concept. I shouldn’t pretend to know what my father’s was. Perhaps my eagerness to claim him as “gay” in the way that I am “gay”, as opposed to bisexual or some other category, is just a way of keeping him to myself – a sort of inverted Oedipal complex.” Tradução minha.

referências intertextuais, aliadas à linguagem cuidadosa tanto nas imagens quanto nos textos justificam o sucesso de *Fun Home*.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. (2011) *Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk.

BOURDIEU, Pierre. (1999) *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil.

BUTLER, Judith. (1998) “Critically queer”. In *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. New York: Routledge.

BUTLER, Judith. (1997) *The psychic life of power: theories in subjection*. Stanford, CA: Stanford University Press.

HERRING, Scott. (2010) *Another country: queer anti-urbanism* (sexual cultures). New York: NYU Press. Kindle Edition.

HALBERSTAM, Judith. (2005) *In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives* (sexual cultures). New York: NYU Press. Kindle Edition.

HARRISON, Michael. (2009) “The queer spaces and fluid bodies of nazarios’s anarcoma”. *Postmodern culture*. V. 19, n. 3. Disponível em: [http://muse.jhu.edu/journals/postmodern\\_culture/v019/19.3harrison.html](http://muse.jhu.edu/journals/postmodern_culture/v019/19.3harrison.html).

JAGOSE, Annamarie. (1996) *Queer theory: an introduction*. New York: NYU Press.

LOURO, Guacira Lopes. (2004) *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.

MARX, Leo. (1984) “The puzzle of antiurbanism in classic american literature”. In: RODWIN, Lloyd e HOLLISTER, Rodwin (Orgs.). *Cities of the mind: images and themes of the city in the social sciences*. New York: Plenum Press.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, s.d.

TSING, Anna Lowenhaupt. (2005) *Friction: an ethnography of global connection*. Princeton: Princeton University Press.